

História de vida

“O meu Livro de Leitura da Primeira
Classe”





Chamo-me Maria Ernestina Rosado Parreirinha, nasci em Montemor-o-Novo no verão de 1954. Viajei há 65 anos com os meus pais do Alentejo, rumo a Lisboa. Este local geográfico teve um papel muito importante na minha mundividência. Em Lisboa, desenrolaram-se as experiências mais marcantes da minha vida na infância e adolescência. Guardo-as com muito carinho.

A passagem do tempo não apagou as memórias mais importantes da minha infância. Esses momentos inesquecíveis, surgem nas recordações e na troca de experiências culturais. Alguns deles, marcaram a minha história de vida a nível emocional. Desses flashes singulares escolhi falar sobre um que foi um marco solar. A compra do livro da primeira classe. A sua entrada na minha vida abriu novos horizontes no meu imaginário infantil e reforçou a minha sabedoria, ajudando-me a descobrir um mundo novo que, produziu muitos e muitos “porquês”.

Na infância o tempo, passava vagarosamente e com grande similitude. As férias grandes eram mesmo muito grandes. Tudo parecia muito longínquo. O Natal e os aniversários, tardavam imenso a chegar. Fazer anos era um acontecimento extraordinário, mais um ano, significava ser “grande”. Ir para a escola! Alcançar mais autonomia. Nesses dias festivos, apareciam os mimos culinários que eram venerados especialmente pelas crianças.

Era o tempo do crescimento físico e emocional, da descoberta da fantasia e do Joelho Escalavrado. Apesar dos lugares e dos brinquedos serem muito escassos, sempre se encontrou uma forma de fazer magia.

Desses momentos, o que vivi com mais ansiedade e entusiasmo, foram os preparativos para a minha entrada para a escola primária. Sobretudo a compra do respetivo livro de leitura.

Então, era uma vez..... uma menina que até aos 6 anos tinha em casa um minilivro da história da carochinha e outro da maria tonta (uma menina que vinha da província a Lisboa e, cuja viagem estava cheia de surpresas). Ambos muito velhinhos...estes já tinham conhecido outras crianças. Entre os brinquedos, os livros eram muito raros. Os que existiam circulavam entre as crianças da família, e dos vizinhos. Por isso, eu tinha o sonho de ter um livro de histórias novo, mesmo novo.



Então, andava sempre a pedir um livro a minha mãe e, ela respondia:

Quando fores para a escola tens um livro novo, para aprenderes a ler. Vais também ter um caderno, uma borracha, um lápis e uma pasta.

Eu ficava entusiasmadíssima e, lá vinha a pergunta;

Mãe, vou ter mesmo isso tudo? Achava uma coisa fantástica.

E o livro é que me vai ensinar a ler?

Sim, o livro e a ajuda da senhora professora. Depois já podes ler a história da carochinha as vezes que quiseres...e, podes também ler os letreiros dos autocarros.

Quando ia passear e, via um autocarro, perguntava sempre a minha mãe, o que dizia o letreiro do autocarro, gostava de saber para onde iam aquelas pessoas todas. Isso fazia-me sonhar com viagens.

Era curiosa e fazia-me impressão não saber ler. Pedia aos adultos para me lerem o que via com letras nas montras das lojas. Perguntava com insistência a minha mãe, se faltava muito para ter o livro da escola.

Então ela reforçava... quando fores para a escola isso acontecerá.

E falta muito para eu ir para a escola?

Depois de fazeres anos, vamos à escola para te matricular e compraremos as coisas que te prometi.

Mas podias comprar o livro agora.....

Não, depois de te matriculares quem manda comprar o livro é a senhora professora.

A senhora professora?

Sim, na escola a senhora professora é que manda e é ela que te vai ensinar a ler e a escrever.

Ah....

(Nesta altura ficava um pouco pensativa, mas.... sossegava).

Com um brilhinho nos olhos esperava com emoção a chegada do dia para ter o livro novo, aprender a ler, ter um lápis, uma borracha e uma pasta.... Isto fazia os meus dias mais felizes. Seria o meu primeiro contacto com material escolar novo e só para mim. Em casa, até á altura, não existiam essas coisas.

Nos anos 50, uma família modesta como a minha, onde o meu pai trabalhava fora de casa e minha mãe era doméstica, os rendimentos da família não eram suficientes para muito mais do que, satisfazer as necessidades básicas da mesma. Portanto não se compravam livros.

Bom, o verão passou e o dia de anos também.

Depois do dia de anos, abordei novamente a minha mãe.

Mãe, quando é que vamos à escola? Já tenho 6 anos. Tu prometeste. As perguntas sobre o livro e a escola eram recorrentes. Até quando minha mãe ia ao mercado comprar a comida, e isso acontecia todos os dias, não havia frigorifico em casa, passávamos pela escola e, eu tinha sempre uma perguntinha sobre o assunto.

Mãe a escola tem lá meninos?

Não, a escola ainda está fechada, ainda está de férias.

A minha mãe dizia, sossega que não estou esquecida do teu livro novo. Falta pouco, deixa de ser carraça.... Uma expressão muito usual no Alentejo que ela, aplicava à minha insistência sobre o assunto.

O belo do dia das matrículas chegou. Fomos à escola, entrei e achei as salas e o recreio muito grandes, mas também tudo muito vazio. Não vim de lá muito entusiasmada.

No regresso, passámos pela papelaria mas, minha mãe não comprou o livro.

Mãe, estás a esquecer-te de comprar o meu livro novo.

Amanhã fazemos isso...

Oh! fui para casa triste, muito triste.

Bom...no outro dia de manhã não “parava nos ovos”, como dizia minha mãe. Lá fomos à papelaria. Minha mãe a andar e eu à frente a saltitar.

Ainda cais... vai sossegada, dá-me a mão para atravessar a estrada.

E eu já via a papelaria do outro lado da estrada. Estava muito contente.

Chegámos, entrámos e a Dona Beatriz estava lá ao fundo da sua lojinha pequenina. Eu entrava lá esporadicamente quando a minha mãe ia comprar o Diário Popular.

Eu adorava entrar naquela papelaria, o seu interior enchia-me de alegria, aqueles pequenos livrinhos de histórias, os lápis e os bonecos com brilhantes para pôr dentro dos livros... eu delirava. Ambicionava ter um boneco daqueles.

D. Beatriz disse:

Então... é hoje que a Mariazinha vem comprar o livro para a escola?

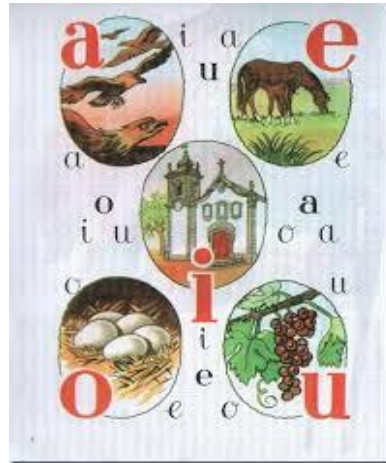
Sim, sim disse minha mãe.

A joia dos meus sonhos estava ali, quase nas minhas mãos. Contudo, isso só aconteceu em casa. O regresso fez-se com ansiedade.

Em casa, na sala de entrada, onde minha mãe tinha a máquina de costura e um rádio a pilhas. Desembrulhou o livro e pude ter nas minhas mãos aquela beleza.

Achei-o tão lindo, novinho, amarelinho, lisinho e com um cheirinho maravilhoso...O meu sonho estava a realizar-se, quando o abri fiquei deslumbrada. Foi o primeiro livro a estrear que folheei e cheirei.

Adorei as imagens das lições das primeiras páginas. Na página 4, os bonecos, os balões, as letras e as cores, tudo era muito fantástico. Os meninos brincavam alegremente com os balões com as letras. Um cenário que me transportou também para a brincadeira. Parecia que estava no parque ou na Feira Popular, (normalmente íamos lá uma vez no Verão). O a, e, i, o, u, ilustrado com a águia, égua, igreja, ovos e uvas, completavam a perfeição.



Durante algumas horas não deixei de admirar aquelas figuras, bem como pedir a minha mãe para ler o que lá estava escrito. As ilustrações deslumbraram-me. Esqueci a brincadeira no quintal, tinha ali um amigo que me transportava para um mundo novo. Estava nas minhas “sete quintas”.

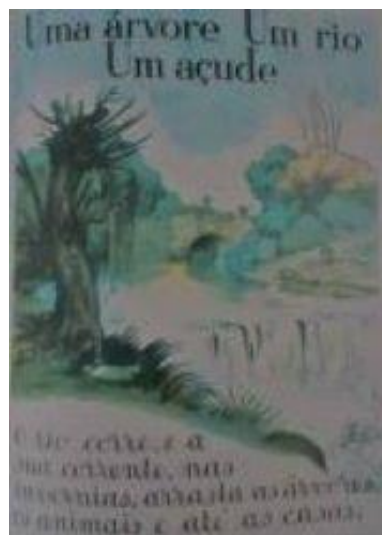
Estava rendida, com a novidade. O livro encantou-me. Foi folheado dezenas de vezes.

Entre na escola, os dias iam passando. As lições iam-se sucedendo, algumas delas não perturbaram os meus maravilhosos dias. Outras começavam a provocar algumas inquietações. A dicotomia universal da vida, o bom e o mau, o belo e o feio começou a fazer-se sentir. As dificuldades na aprendizagem iam aparecendo e começaram a causar alguns sarilhos com dor.

Bom.... Tudo ia correndo com normalidade, o amor ao livro mantinha-se, as lições iam avançando. Eis que chega a lição;

“Uma Árvore Um rio Um açude” esta lição veio despoletar muita confusão nas minhas emoções. Fui surpreendida pelas imensas dificuldades que tive para a entender. Começavam logo pelo significado da palavra “açude”. A figura também não me ajudava a esclarecer a utilidade da sua função. Foi chocante.

Então ao serão, o meu tio propôs-se a ajudar-me na leitura da lição.



Sentados à mesa da cozinha, liamos, repetíamos e repetíamos a leitura e, aquela palavra, açude não era assimilada por mim. O tio dizia a palavra eu repetia, eu iniciava a leitura e esbarrava no “açude”. O tio voltava a ler e eu repetia e quando regressava ao início já estava esquecida da palavra e muito aflita. O tio gritava “AÇUDE” e eu chorava e ele insistia.

Então minha mãe, que estava a lavar a loiça, ordenou. Acabou a leitura, vais para a cama. Amanhã na escola a professora ajudar-te-á a ler a lição.

Recordo a preocupação que aquela lição gerou em mim. Primeiro a palavra “açude” não a compreendia, era estranha, muito estranha no meu escasso vocabulário. Para além disso, olhava para a imagem e via aquela árvore despida, negra, a palavra invernia, as águas que arrastavam as árvores e os animais e até as casas.... isto era uma imagem muito forte e que me causou grande perturbação. Esta lição foi uma tormenta para mim.

Fui para a cama triste, muito triste e desassossegada, pensava, e não entendia o que se passava que, até as casas podiam ser levadas pela água. Este facto foi muito duro. Ainda hoje quando vejo um açude me lembro da peripécia.

A lição do açude, gerou uma semelhança e uma diferença em relação às primeiras impressões que tive para com o livro. Continuava a desafiar a minha fantasia, mas também perturbava o meu pequeno mundo infantil, pois falava de assuntos que me criavam dificuldades.

Foi um acontecimento que marcou a minha infância na aprendizagem.

As ilustrações do livro tinham sido para mim numa primeira mão, como um livro de banda desenhada que me transportavam para momentos de ilusão e alegre brincadeira. Mais adiante, surgiram outras cujos temas despertaram em mim grandes preocupações. Focavam assuntos complicados para os quais não estava preparada.

No geral o livro falava da vida das pessoas e das suas dificuldades, com uma moralidade muito crua. O seu conteúdo, apertava o pensamento infantil, deixava poucos laços para a criatividade. Focava situações pedagogicamente desapropriadas para a idade das crianças.

Na família também começavam a responsabilizar-me, com o aproveitamento escolar. Devia de estudar para ter um trabalho para poder ganhar dinheiro. A brincadeira tinha de ficar para segundo plano.

Portanto crescer física e psicologicamente estava a fazer doer. O meu olhar perante as coisas estava a mudar. “A Mariazinha já tinha outras afazeres para além da brincadeira”.

Este foi um momento relevante da minha infância, outros houve, mas já tinha mais preparação para os enfrentar com menos sobressaltos.

Queria partilhar esta memória que reporta à minha aprendizagem e educação.

O livro enquadra-se na política do Estado Novo. Comprei-o para rever o seu conteúdo e resgatar algumas memórias. A falta de liberdade está espelhada no seu conteúdo. As lições tinham o objetivo de formatar e limitar o pensamento das crianças. Era um muro, que só alguns transpunham para a descoberta de novos lugares e pessoas.

Após o 25 de Abril, houve uma preocupação enorme em proporcionar à criança condições mais adequadas ao seu desenvolvimento, fornecendo-lhe ferramentas para que, a sua integração e progressão, na vida escolar e social fosse mais consistente e menos dolorosa.

As mudanças operadas foram bem-vindas.

Bibliografia:

Ministério da Educação Nacional, O Livro da Primeira Classe, Ensino Primário Elementar